

ALFAGUARA


Juan Gabriel Vásquez

Canções para o incêndio



Tradução de Guilherme Pires

*À Carlota e à Martina,
companheiras de viagem*

Acessá-lo-ão interminavelmente
as recordações sagradas e triviais
que são o nosso destino, essas mortais
memórias vastas como um continente.

JORGE LUIS BORGES, *O Fim*

Quero saber de quem é o meu passado.

JORGE LUIS BORGES, *All our yesterdays*

Índice

Mulher à beira-rio	13
O duplo	41
As rãs	59
As más notícias	89
Nós	109
Aeroporto	119
Os rapazes	137
O último <i>corrido</i>	157
Canções para o incêndio	189
<i>Nota do autor</i>	235

Mulher à beira-rio

I

Sempre quis escrever a história que a fotógrafa me contou, mas não poderia fazê-lo sem a sua permissão ou conivência: as histórias dos outros são território inviolável, ou assim me pareceu sempre, porque nelas há, amiúde, algo que define ou enforma uma vida, e roubá-las para depois as escrever é muito pior do que revelar um segredo. Agora, por razões que não interessam, ela permitiu-me tal usurpação, e em troca só pediu que conte a história tal como ma contou naquela noite: sem retoques, sem adornos, sem fogos de artifício, mas também sem artificiais silêncios.

«Comece onde vou começar», disse-me. «Comece com a minha chegada à fazenda, quando vi a mulher.» E é isso que me proponho fazer aqui, e fá-lo-ei com plena consciência de que sou a forma que ela encontrou de ver a sua história contada por outro e assim compreender, ou tentar compreender, algo que lhe escapou sempre ao entendimento.

A fotógrafa tinha um nome longo, e longos eram os seus apelidos, mas todos lhe chamavam Jota. Com o passar dos anos, tornara-se uma espécie de lenda, uma dessas pessoas das quais *se sabem coisas*: que se vestia sempre

de negro, que não beberia uma aguardente nem que isso lhe salvasse a vida. Sabia-se que falava com as pessoas sem pressas antes de tirar a máquina fotográfica do bernal, e os jornalistas escreveram as suas crónicas mais que uma vez com o material que ela recordava, não com o que eles conseguiam averiguar; sabia-se que os outros fotógrafos a seguiam ou espiavam, acreditando que ela não se apercebia, e que costumavam parar atrás dela na vã tentativa de ver o que ela via. Fotografara a violência com mais regularidade (e também com mais empatia) do que qualquer outro repórter fotográfico, e eram suas as imagens mais pungentes da nossa guerra: a da igreja destruída por um cilindro de gás usado pela guerrilha, entre cujos escombros sem teto chora uma velha; a do braço de uma jovem com as iniciais, rasgadas a faca e já cicatrizadas, do grupo paramilitar que lhe assassinara o filho na sua presença. Agora as coisas eram diferentes em certas zonas afortunadas: a violência dissipava-se e as pessoas conheciam outra vez algo parecido com a tranquilidade. Jota gostava de visitar esses lugares sempre que podia: para descansar, para fugir da rotina ou simplesmente para ser testemunha em primeira mão de transformações que noutros tempos teriam parecido ilusórias.

Foi assim que chegou à fazenda Las Palmas. A propriedade era o que sobrevivera dos noventa mil hectares que tinham pertencido aos seus anfitriões. Os Galán nunca tinham saído dos Llanos nem planeavam reabilitar a velha casa, e viviam ali satisfeitos, caminhando descalços pelo solo de terra sem espantar as galinhas. Jota conhecia-os porque visitara a mesma casa vinte anos antes. Nessa altura, os Galán arrendaram-lhe o quarto de uma das suas

filhas, que já tinha saído de casa para estudar Agronomia em Bogotá, e da janela Jota via o espelho de água, nome que davam a um rio com uns cem metros de largura, tão tranquilo que mais parecia uma lagoa; as capivaras atravessavam-no sem que a corrente as desviasse, e no meio da água assomava por vezes, flutuando imóvel, um caimão aborrecido.

Agora, nesta segunda visita, Jota não dormiria nesse quarto repleto de coisas alheias, mas sim na confortável neutralidade de um quarto de hóspedes com duas camas e uma mesa de cabeceira entre elas. (Porém, apenas usaria uma, e até lhe custou escolher qual.) Tudo o resto continuava igual ao que era: ali estavam as capivaras e os caimões, e a água tranquila, cuja quietude se agravara pela seca. Sobretudo, ali estavam as pessoas: porque os Galán, talvez devido à relutância em sair da fazenda mais do que para comprar insumos, tinham encontrado forma de o mundo ir ter com eles. A sua mesa de jantar, um enorme e comprido tabuão ao lado do fogão a lenha, estava invariavelmente repleta de gente de todas as proveniências, visitantes das fazendas vizinhas ou de Yopal, amigos das suas filhas com ou sem elas, zoólogos ou veterinários ou criadores de gado que ali apareciam para conversar sobre os seus problemas. Assim era também desta vez. As pessoas viajavam duas ou três horas para visitar os Galán; Jota viajara durante sete horas, o que fez com gosto, aproveitando para descansar quando punha gasolina, abrindo as janelas do seu todo-o-terreno velho para desfrutar das mudanças de cheiro na estrada. Alguns lugares tinham um certo magnetismo, talvez injustificado (quer dizer, feito com as nossas mitologias e superstições). Para Jota, Las Palmas

era um deles. E procurava apenas isto: uns quantos dias entre pássaros com bico curvo e iguanas que desciam das árvores para comer mangas caídas, num lugar que noutros tempos fora território de violências.

De maneira que ali estava a noite da sua chegada, comendo carne com pedaços de banana sob luz branca fluorescente, sentada junto a uma dezena de desconhecidos que, visivelmente, eram desconhecidos também entre eles. Conversava sobre qualquer coisa — sobre como esta zona se pacificara, sobre o facto de já não existirem extorsões e de raramente se roubar gado —, quando ouviu a saudação de uma mulher que acabava de chegar.

— Boas-noites — disse ela.

Levantou a cabeça para a cumprimentar, como todos faziam, e ouviu-a desculpar-se sem olhar para ninguém e viu-a puxar uma cadeira de plástico para junto da mesa, e sentiu algo parecido com o reconhecimento. Demorou alguns segundos a lembrar-se ou descobrir que a conhecera ali mesmo, na fazenda Las Palmas, havia vinte anos. Ela, por seu lado, não se lembrava de Jota.

Mais tarde, quando a conversa passara para as camas de rede e as cadeiras de baloiço, Jota pensaria: ainda bem.

Ainda bem que não a tinha reconhecido.

Do premiado autor d' *O barulho das coisas ao cair*, um livro, tão belo quanto violento, sobre a força do acaso. Nas histórias de mulheres e homens comuns declinam-se temas como a memória, o poder e significado da violência, e a relação complexa entre literatura e verdade.

Uma fotógrafa de renome apercebe-se de algo que teria preferido ignorar. Um veterano da Guerra da Coreia confronta-se com um segredo do passado durante um encontro que parecia inofensivo. Um escritor depara-se com a história de vida apaixonante de uma órfã da Grande Guerra. Na Colômbia, em Espanha, em Paris ou em Hollywood, as histórias deste livro irradiam a estranha luz das coisas que queimam e ferem. As personagens que as povoam são mulheres e homens assombrados pela violência: tocando-lhes de perto ou de longe, de forma direta ou somente tangencial, as vidas de todas elas mudam para sempre, seja às mãos de um encontro fortuito ou pela ação de forças incompreensíveis. Nestas «canções», Juan Gabriel Vásquez dá, uma vez mais, prova da sua mestria narrativa e do profundo entendimento da existência humana, qualidades que o colocam na esfera dos melhores da sua geração.



«Assombroso e belo. Este é um livro sobre a guerra e o imperialismo, os quais, segundo Vásquez, não terminaram em absoluto, apenas se transformaram: ora se manifestam em traumas individuais que se prolongam por gerações, ora evoluem para uma corrupção endémica e infundáveis espirais de violência.»

New York Times Book Review

«Vásquez reinventa a literatura latino-americana do século XXI.»


JONATHAN FRANZEN

«Uma das vozes mais originais da literatura latino-americana.»

MARIO VARGAS LLOSA



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt
penguinlivros
alfaguaraeditora

ISBN 9789897848650



9 789897 848650 >